

NOITE DE SENTINELA

- Cabrões ! - Com um piparote bem medido, Américo espalmou o mosquito contra o pescoço. - Já não me lixas mais.

Sentia-se chegar ao limite da resistência, os tornozelos e os nós dos dedos dolorosamente inchados de tanta ferroada. Prestes a desatar aos berros.

Ao redor do aquartelamento, à volta dos postes de iluminação, os mosquitos saíam da noite em hordas cerradas.

"Maldita terra, malditos mosquitos. Não bastava este calor de morrer."

Pousou a G-3 no parapeito do posto de vigia e pôs-se a espiar o negrume. Múltiplos ruídos, indestrincáveis, de todos os timbres, elevavam-se para além do anel de luz das lâmpadas da periferia do aquartelamento. Era um bramar soturno, hostil, prenhe de suspeições.

Por instantes esqueceu-se dos mosquitos, percorrido por um arrepio. Mas o ressonar dos dois camaradas de posto, mesmo a seus pés, serenou-o.

"Se estivesse sozinho morria de cagaço."

Olhou o relógio de pulso. Os ponteiros fosforescentes indicavam as três horas da madrugada. Dentro de três quartos de hora despertaria o Mendes para o render. Seria a sua vez de ferrar o galho, se fosse capaz.

Apetecia-lhe fumar um cigarro mas a imagem ameaçadora do capitão sobrepôs-se ao desejo. Não lhe apetecia mesmo nada apanhar uma porrada e ir parar ao Leste, que era bem pior do que o Norte, segundo diziam.

"- Sentinela, éh sentinela!"

Emaranhado nos seus pensamentos, levou tempo a recompor-se.

- Estavas a dormir, logo na primeira noite?

Pela voz, reconheceu o furriel Neves.

- Aqui no poleiro, não dá o sono a ninguém, meu furriel.

- Podia passar por aqui um regimento de turras que não davas por nada. Vamos lá a ver se abres mais os olhos.

Américo sentiu os passos do furriel perderem-se na noite. Enervado, tornou a olhar o relógio. Estava na hora. Até já passavam cinco minutos.

- Acorda, Mendes, está na hora.

O camarada soergueu-se da enxerga, estremunhado.

- Já? Não me estás a tramar?

- Vá, levanta-te. Não acordes o Fernandes.

- Logo agora que estava a sonhar com uma miúda muito boa lá da terra. Tens um cigarro?

- Olha o capitão.

- O capitão que vá bardamerda. Dá cá o cigarro.

O clarão do fósforo iluminou dois rostos terrosos. Depois ficou a ponta vermelha do cigarro a fazer arabescos na noite.

- Não te deitas?

- Não tenho sono. Fico contigo um bocado.

- Saudades? Deixa lá que qualquer dia já chega o correio.

Falavam em surdina, para não acordar o Fernandes. Os mosquitos tinham acalmado e para além dos morros começava a assomar o palor da madrugada.

- Sabias que o meu filho fez ontem um ano? - disse Américo, com tremuras na voz. - É verdade, fez ontem um ano que ele nasceu em França.

- Tu estavas na França, não é? Que maluqueira foi essa de voltares para fazer a tropa?

- Sei lá ! Comecei a pensar que nunca mais poderia regressar a Portugal, que o meu filho nunca poderia conhecer os avós. A mulher também se sentia triste sem a família. Resolvemos regressar. Mas quando acabar esta merda, volto para a França.

- Dizes bem, esta merda.

Subitamente, um estampido acordou a noite.

- Ouviste?

- Foi no posto 3.

Soou outro tiro, logo seguido duma rajada.

O aquartelamento encheu-se de sobressalto: luzes, vozes alteradas, correrias, o latir do Fantasma.

- Será um ataque? aventou Américo de dedos crispados na G-3.

O Fernandes despertara.

- O que é que a gente vai fazer?- balbuciou.

A pergunta fê-los sentir como galinhas aprisionadas.

- Terá morrido alguém?
 - E nós aqui sem saber de nada.
 - Que porra de situação.
 - Calma - aconselhou Mendes. - Não me parece coisa grave.
 - Sentinela! - gritaram lá de baixo.
 - Quem está aí? - perguntaram em coro.
 - É o furriel Meneses. Estejam tranquilos que ainda não é desta que vão morrer. Foi o parvo do Costa que julgou ter ouvido um ruído estranho e desatou às rajadas como um maricas. Algum javali.
 - Que cagaço, meu furriel! - Américo soltou uma risada nervosa. - Já pensávamos que os turras tinham atacado.
 - Ponham-se mas é a pau com os ataques dos mosquitos.
 - Que susto aquele gajo nos pregou - desabafou o Fernandes. - Ia-me borrando todo.
 - O furriel disse que eram os javalis mas podiam muito bem ter sido os turras.
 - Nunca se sabe.
 - Afinal, quem é que está de sentinela? Eu ou vocês? - galhofou o Mendes.
- A parada enchia-se de vida com as primeiras pinceladas da manhã.
- O segundo pelotão vai sair para a mata - suspirou o Fernandes. - Já é de dia.
- Graças a Deus - benzeu-se o Américo, olhos postos na luminosidade que acobrevava o dorso dos morros.